

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA HUMANISTA E FENOMENOLÓGICA DA  
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO RESPOSTA ÀS ANGUSTIAS DE  
HOJE<sup>1</sup>**

**THE IMPORTANCE OF HUMANISTIC AND PHENOMENOLOGICAL  
PSYCHOLOGY OF THE PERSON - CENTERED APPROACH AS A RESPONSE TO  
TODAY'S ANXIETIES**

<sup>2</sup> Giocemar Nunes Santos Corrêa

**RESUMO**

Este artigo busca aprofundar as contribuições da psicologia humanista através da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers para as angústias humanas de nosso contexto atual, em que vivenciamos uma realidade de desconstrução do humano e dos valores, gerando por conseguinte um esvaziamento no sentido do existir. Para alcançar este objetivo este artigo parte pelo resgate de alguns conceitos da filosofia humanista, também buscando sua base nas raízes da filosofia existencialista e fenomenológica, depois se faz uma breve apresentação da psicologia humanista da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers nestas suas bases filosóficas. Em seguida demonstramos a aplicação destes conceitos humanistas filosóficos dentro da psicologia na abordagem humanista da ACP para observar como ela pode ser vista como uma ferramenta terapêutica para o surgimento da busca pelo sentido da vida na psicoterapia e trazer uma resposta para os atuais anseios e dores da humanidade conforme vimos através do olhar crítico da OMS, sobre a saúde psicológica e emocional na sociedade mundial. O artigo se encerra evidenciando na sua parte 5 em diante, as contribuições da ACP para o futuro desta temática do sentido muito urgente em nosso contexto social atual diante dos chamados “males do século” a depressão e a ansiedade. Conclui-se afirmando a necessidade de uma retomada nos conceitos da filosofia humanista para o resgate do sentido da vida, pois este nos educa e nos exige a sermos mais humanos e, neste sentido, a ACP pode contribuir também para uma abordagem mais humanista da psicologia, independente da linha teórica profissional, pois, também a psicologia nos educa. Quiçá sejamos mais humanos.

**Palavras – chave:** Psicologia Humanista. Fenomenologia. ACP. Carl Rogers. Sentido da vida.

---

<sup>1</sup> Este artigo nasceu como TCC, para a pós-Especialização em Psicologia Humanista, Existencial e Fenomenológica. Faculdade Dom Alberto, 2020-2023.

<sup>2</sup> Graduação bacharelado em Teologia, Faculdade de Ensino Superior Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, Porto Alegre. Técnico Segurança do trabalho, Unitec, Porto Alegre. Licenciatura em Filosofia e Pós Graduação no Ensino de Filosofia -especialização, Universidade Federal de Pelotas, UFPel. Graduação em Psicologia pela Faculdade de desenvolvimento do RGS, Fadergs. Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Rio Grande, Furg. Pós graduando em Neuropsicopedagogia pela Dom Alberto. Pós graduando em Avaliação Educacional, pela Com.Professor Autor- CPA, FASEC-Universidade do Sertão Central, Ceará, 2022. Contato: E-mail: [psi-giocemar.jnc@outlook.com](mailto:psi-giocemar.jnc@outlook.com)

## ABSTRACT

This article seeks to deepen the contributions of humanistic psychology through Carl Rogers' Person-Centered Approach to human anguish in our current context, in which we experience a reality of deconstruction of the human and values, therefore generating an emptying of the meaning of existence. To achieve this objective, this article starts by rescuing some concepts of humanist philosophy, also seeking its bases in the roots of existentialist and phenomenological philosophy, then a brief presentation of the humanist psychology of Carl Rogers' Person-Centered Approach is made in its philosophical bases. We then demonstrate the application of these philosophical humanist concepts within psychology in the humanistic approach of ACP to observe how it can be seen as a therapeutic tool for the emergence of the search for the meaning of life in psychotherapy and bring an answer to the current desires and pains of humanity as we saw through the critical look of the OMS, on psychological and emotional health in global society. The article ends by highlighting in its part 5 onwards, the contributions of the ACP to the future of this very urgent theme in our current social context in the face of the so-called “evils of the century”, depression and anxiety. It concludes by stating the need for a return to the concepts of humanist philosophy to recover the meaning of life, as this educates us and requires us to be more human and, in this sense, ACP can also contribute to a more humanistic approach to psychology, regardless of the professional theoretical line, because psychology also educates us. Maybe we are more human.

**Keywords:** Humanistic psychology. Phenomenology. ACP. Carl Rogers. Meaning of life.

## 1 - INTRODUÇÃO

As demandas da psicologia hoje em muito são carregadas dos problemas da depressão ou da ansiedade, das angústias e falta de sentido diante das dificuldades da vida. Por isso, precisamos hoje recolocar a pessoa e suas angústias no centro da atenção psicossocial em saúde, numa concepção plena da pessoa humana, como um ser biopsicossocial e espiritual.

Não há como fazermos este resgate da pessoa sem procurarmos bases teóricas filosóficas e científicas que tratam o ser humano como centro. Aqui podemos resgatar uma antropologia na ótica do antropocentrismo, ou mesmo um humanismo filosófico na ótica social, como quando, por um olhar crítico e sociológico analisamos as relações humanas nas suas superficialidades da nossa sociedade capitalista e imediatista, onde o desejo de prazer e do bem estar pessoal suplanta o bem estar coletivo e a preocupação com o outro. Significa refletir o quanto há de vazio de sentido nas relações humanas e o quanto estas relações colocam não o ser humano no centro, mas o desejo de poder ou, material e estético.

Neste objetivo, este artigo busca resgatar conceitos da filosofia humanista e fenomenológica e a utilidade destes conceitos numa ótica psicológica, para tentar das respostas

para as angústias humanas hoje. Na psicologia humanista, de modo especial visaremos aqui comentar dentro da psicologia humanista da abordagem centrada na pessoa (ACP) de Carl Rogers, de uma forma geral e, seguindo uma linha existencial e humanista, coloca o ser humano com suas demandas pessoais como centro independente de qualquer interpretação a priori. Por isto, em uma retomada a partir de leitura pessoal da ACP e dos estudos na psicologia humanista, busca-se neste artigo também, uma contribuição que a abordagem centrada na pessoa pode dar, a partir de seus conceitos filosóficos; como uma resposta para as angústias atuais, de modo especial da angústia da falta de sentido da vida. Mas também para a atualidade da ACP e do humanismo filosófico hoje pois, cremos que esta abordagem ainda tem muita contribuição para nossos dias tão caóticos.

Recentemente a OMS<sup>3</sup> (2022) publicou um relatório mundial sobre a saúde mental em que se alerta que a depressão e a ansiedade, as chamadas doenças do século, aumentaram mais de 25%. A OMS, aponta que o suicídio continua sendo uma das mortes mais comuns, entre outras diversas catástrofes envolvendo a saúde mental. Este é o quadro social para o qual a ACP pode ter uma resposta válida, a da valorização da pessoa.

Enquanto o ser humano não voltar a ser o centro, e nisto o humanismo tende a nos ensinar, as angústias tendem a aumentar.

Uma constatação atual que podemos observar ao se fazer uma reflexão a partir deste relatório é de que as pessoas, na contemporaneidade, não tem claro o sentido da vida, como nos adverte Taylor (2015), porque a associação entre o suicídio e as patologias da depressão e ansiedade escancaram as incertezas humanas. Ao pararmos para pensar na psicoterapia hoje, nos damos conta que muitas pessoas procuram os serviços de psicologia na busca de um sentido para suas vidas, ou seja, estão dominadas por uma ansiedade ou desiludidas ou imersas em depressão. Uma realidade lamentável onde vemos pessoas sem esperança e cheias de incertezas, diante do que nos falta: as certezas, a liberdade e o sentido de viver, como nos relata Marzano (2021);

“Uma interminável via crucis que, depois de ter jogado sobre nós a fragilidade dos nossos corpos, nos obrigou a enfrentar tudo o que mais nos falta: a incerteza constante e a impossibilidade de planejar, a falta de sentido de uma vida sem perspectivas, a ausência de liberdade, a real, aquela verdadeira, aquela que permite sair de casa sem ter a obsessão de controlar as distâncias que nos separam dos outros, de apertar a mão de um desconhecido ou abraçar um amigo, de subir num avião e ir para outro país, de viver todas aquelas coisas às vezes pequenas e banais de que, no entanto, é feito o nosso dia-a-dia” Marzano (2021, p.02).

---

<sup>3</sup> Organização Mundial da Saúde. Informe ou relatório mundial da saúde mental. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao> Acesso em: 17/09/2022.

O ser humano, na medida em que o progresso científico e tecnológico avançou, foi deixando para trás os sinais, costumes e valores que conectavam as pessoas umas às outras fisicamente. O mundo tecnológico “desconectou a humanidade” e criou o advento das relações virtuais. Tal situação acima descrita, começou a ser observada pelos novos pesquisadores da psicologia e da filosofia no início do século XX mas que, ao longo dele se propagou gerando assim, novas perspectivas de leitura como a linha humanista, e mais recentemente a Logoterapia, teoria que colocou em seu centro a luta pela demonstração do sentido da vida.

Veremos na reflexão final que a emergente necessidade da busca pelo sentido da vida é hoje uma questão crucial para a humanidade e, por isso suscita o resgate de um humanismo filosófico e, já a partir do humanismo da perspectiva rogeriana da psicoterapia e, a partir daí tornou-se uma preocupação constante favorecendo assim o surgimento de outras correntes humanistas e existencialistas como a atual linha da Logoterapia e resgatando assim a importância do humanismo existencial.

## **2 - RESGATANDO CONCEITOS: A FILOSOFIA HUMANISTA FENOMENOLÓGICA**

O antropocentrismo é uma das principais características da filosofia humanista, retirando assim o religioso e o divino do centro. Ao colocar o ser humano no centro, a filosofia com o pensamento humanista fez com que houvesse um afastamento dos dogmas da Igreja Católica. Afastamento que possibilitou um desenvolvimento no campo das ciências como a matemática, a física e a medicina; isso porque uma das características deste movimento é a proximidade com a ciência e o com o racionalismo, onde a razão e as capacidades humanas são valorizadas. Por isso, no humanismo, o que predominou foram os métodos científicos, com experimentos e fatores empíricos e, a valorização das capacidades humanas.

"Mas como conhecer a essência das coisas e valores? Vem daí a sua outra máxima, inspirada no pórtico do deus Apolo: “conheça-te a ti mesmo”, ou seja, busque saber o que é o homem, e que ele é o provedor de todos os valores. A sabedoria e a verdade estão na essência íntima do homem e não fora dele. Esta máxima foi vivida por Sócrates, segundo sua sabedoria do “sei que nada sei”. Portanto, o homem deveria buscar dentro de si, na sua alma ou consciência, aquilo que ele é e o que ele deve fazer, para o seu ser “no já, no aqui e agora”.

O humanismo foi um movimento literário com ideais filosóficos, morais e estéticos que valorizavam o homem. O termo vem do latim “humanus”, que quer dizer “humano”. Suas origens e as características do humanismo estão espalhadas pelos diversos ramos artísticos, como a literatura, a pintura e a escultura. Por exemplo, se pensarmos sobre as fontes do

pensamento psicológico encontraremos nela a filosofia. A partir das ideias humanistas filosóficas do século XIV surge o Humanismo secular, a psicologia humanista e a pedagogia humanista. De uma forma geral, podemos dizer que o humanismo filosófico coloca o ser humano no centro como prioridade para a partir deste antropocentrismo ocorrer o desenvolvimento da sociedade, significa que, uma vez satisfeita as necessidades fisiológicas do ser humano, ele é capaz de buscar o melhor para si e para a humanidade. O humanismo toma o Homem como foco de qualquer preocupação filosófica; e neste sentido coloca a pessoa, o ser humano no centro do debate, gerando assim uma interrogação sobre o ser, que surge desde os *filósofos gregos*.

O humanismo, em sentido mais estreito, pode ser definido como um movimento de retorno à cultura greco-latina clássica, surgido no período do Renascimento, nos séculos XV e XVI (Gobbi, Missel & Holanda, 2002). O humano concebido como fim último de uma determinada teoria de conhecimento, numa abordagem ou postura ética, é um denominador comum presente nas diversas acepções sobre o humanismo. Surge então como um questionamento, uma procura pelo sentido de ser deste homem. É um esforço contínuo pela compreensão de sua totalidade, pela sua consideração integral (Holanda, 1998, p.21; Como citado em: Bezerra e Bezerra, 2012, p.24).

Este humanismo filosófico existencialista dentro parece possibilitar que o ser humano seja tratado não de um modo utilitário, mas como possuidor de um valor próprio e inalienável. O homem, de acordo com o pensamento humanista, define seus próprios valores e normas sob os quais rege a sua própria vida, que, por sua vez, têm origem no próprio homem e na sua capacidade de decidir o que é coerente consigo mesmo. Essa decisão está fundamentada na sua experiência e na sua essência. O homem é o único ser capaz de definir o sentido da sua vida e o faz livremente.

Deste humanismo filosófico que brotou a fenomenologia enquanto forma de pensar o ser humano. De fato, é da filosofia fenomenológica ou simplesmente fenomenologia que posteriormente se desenvolveu também o existencialismo. A concepção filosófica da fenomenologia foi gestada por Edmund Husserl (1859-1938) e passou a ser utilizada por ele e a partir dele como um método de análise, análise esta da pessoa e sua consciência, onde o foco é como os fenômenos se manifestam na própria consciência do ser e a partir dele ao mundo.

Fenomenologia advém de duas palavras gregas: “phainomenon” e logos. Phainomenon (fenômeno) corresponde a tudo aquilo que aparece, que se manifesta e que pode ser percebido, captado pelos sentidos ou pela consciência. Neste sentido, a fenomenologia é o estudo do que se manifesta, do fenômeno que aparece na consciência. Este estudo teve em Husserl seu ápice e nos legou grandes contribuições na psicologia. De acordo com Zilles (2002, p.13), a fenomenologia husserliana, "é, em primeiro lugar, uma atitude ou postura filosófica e, em

segundo lugar, um movimento de idéias com método próprio, visando sempre o rigor radical do conhecimento.

O método filosófico desenvolvido por Husserl consiste em descrever os fenômenos tais como eles aparecem para a consciência que os descreve. Assim, este método tem o objetivo de desviar a filosofia de toda especulação metafísica abstrata, e seus pseudoproblemas, para entrar em contato com as coisas mesmas, com a experiência viva concreta. Este processo filosófico foi chamado por Husserl de epochè, ou redução fenomenológica. Neste sentido, o filósofo precisa sair da sua atitude natural, que é a atitude na qual todo nós nos encontramos no cotidiano, e entrar na atitude fenomenológica, de acolhida do fenômeno, seja ele outra pessoa, uma situação, algo que se apresenta ao eu. O conceito de epoché não significa que o filósofo irá duvidar de tudo (como no método cartesiano), mas sim suspender provisoriamente o juízo.

Heidegger, discípulo de Husserl, depois reinterpretou e aprofundou o método oriundo da fenomenologia de Husserl, na busca do sentido das coisas, em íntima relação com a hermenêutica. Para ele, existir é interpretar-se. Na perspectiva heideggeriana, segundo Belém, (2004) esse ente que cada um de nós somos e que possui em seu ser a possibilidade de questionar, é designado como Dasein, expressão alemã que significa “ser-aí”. E, no processo fenomenológico o fenômeno que se acolhe é como este ser se manifesta e se relaciona. O dasein sempre se relaciona de formas distintas com os entes, em virtude do seu caráter dinâmico mais próprio. E aqui já começamos a uma interpretação bastante psicológica da fenomenologia.

Dentre os principais conceitos desenvolvidos por Husserl, destacam-se: essência, redução e intencionalidade. Zilles, (2002) explica que entende-se essências ou eidos como a estrutura invariante cuja presença permanente define o que é o objeto, Referem-se ao sentido do ser do fenômeno; independem da experiência sensível, muito embora se dando através dela

É o que nos diz Nunes (2004,p.126), "o Dasein (enquanto Ser-no-mundo) não está para o mundo como uma coisa encaixada dentro de outra maior, mas sim que ao mundo se liga sob forma de um engajamento pré-reflexivo, integrante da constituição mesma desse ente que somos". A reinterpretação heideggeriana em íntima relação com a hermenêutica foi uma transposição da filosofia para a psicologia humanista existencial. Nesta ótica o recurso hermenêutico faz-se necessário para o aparecer e o desvelar do fenômeno do ser, ou do oculto do ser ( Bruns & Trindade,2001 In: Nunes, 2004).

Heidegger afirma que o homem é sempre um ser-no-mundo, ou seja, um ser-em-situação. Porém, que ele não está preso à situação em que se encontra; mas sim, sempre aberto para tornar-se algo novo. Em lugar da consciência pura do ‘eu transcendental’. Heidegger partiu

da facticidade no mundo, da vida que é histórica e se compreende historicamente. A essência da existência humana é existir em pluralidade, relacionar-se, e não em si mesma.

O *dasein* sempre se relaciona de formas distintas com os entes, em virtude do seu caráter dinâmico, em constante movimento, que está sendo, numa espécie de acontecendo contínuo conforme a possibilidade existencial vivenciada. Esse caráter pré-ontológico, determinação original e constitutiva do próprio *dasein*, permite que venha a se expressar com relação aos entes de múltiplas maneiras, com várias possibilidades. Essa amplitude de modos de ação corresponde ao caráter existencialista de existência, característico do *dasein*.

Aliás, não podemos deixar de resgatar, embora de forma rápida, a segunda linha filosófica que consideramos essencial para a psicologia hoje, o existencialismo. O Existencialismo pode ser definido como uma ampla corrente filosófica contemporânea, nascida na Europa pós-primeira guerra mundial. O movimento existencialista configurou-se enquanto tal na Alemanha da década de 1920, período de muito sofrimento, desespero e angústias. É na década de 1950, entretanto, que ocorre maior divulgação desse movimento, inclusive no contexto norte-americano, mas sobretudo no contexto europeu.

Dentre os diversos pensadores que difundiram o existencialismo, destacam-se: Jean-Paul Sartre, Martin Buber, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Emmanuel Levinas. Cada um da sua forma, utilizou o método fenomenológico para elaborar a sua filosofia da existência, unindo assim os dois conceitos – fenomenologia e existencialismo. Este movimento prioriza a existência concreta do homem no mundo e teve suas raízes históricas no pensamento do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855). Seu pensamento reporta-se à existência em seu aspecto singular e concreto. A corrente existencialista concebe o ser humano comprometido com o mundo, cuja existência é instável e contraditória. É um conjunto de possibilidades em constante atualização.

O existencialismo foi muito difundido e refletido por inúmeros filósofos, influenciando diversos pensadores inclusive a fenomenologia nas suas bases quando fala do existir do ser jogado na existência. A psicologia humanista vai buscar nestas concepções do ser conceitos que explicam a transitoriedade da vida, bem como o desejo de sentido da existência. O ser-aí diz de um “ser lançado em um mundo cujo estar presente implica na possibilidade da existência”. Para Heidegger (2005) “o estar-lançado, porém, é o modo de ser de um ente que sempre é suas próprias possibilidades e isso de tal maneira que ele se compreende nessas possibilidades e a partir delas (projeta-se para elas)” (p.244). Com isso, pode-se dizer que o *dasein* é possibilidade lançada ao mundo. Com isto a fenomenologia se projetou como fonte de respostas para as angústias humanas vivenciadas na psicologia.

### 3 – VISITANDO A HISTÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA – ACP

Os fundadores da abordagem humanista, de uma forma geral, se postaram como uma reação aos modelos psicológicos então vigentes, por exemplo, acreditavam que a perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud era muito reducionista, colocando toda a vida da pessoa dependente de pulsões e emoções muito negativas, focada apenas na patologia. Segundo Castañon, G. A (2007), o behaviorismo de BF Skinner, por outro lado, era muito mecanicista, cientificista, tratando a pessoa como um ser inanimado e reduzia a natureza humana às simples respostas condicionadas a partir de experimentos com animais.

Foi neste contexto que surge um movimento de renovação na psicoterapia. Ao invés de se concentrar nas patologias, no que há de errado com as pessoas, a psicologia humanista adota uma abordagem mais holística, olhando o indivíduo como um todo e enfatizando o desejo de auto-atualização. E então, estava postas as condições de renovação para além deste contexto acadêmico, cabe destacar também o contexto histórico num período de pós-guerra, marcado pela desesperança, crise moral e de valores.

O grande Carl Ransom Rogers (1902-1987) é considerado por seus entusiastas, Kirschenbaum, D. Smith, John K. Wood e Kaplan como tendo sido, provavelmente, o mais influente teórico no campo das teorias humanísticas e da personalidade, também chamada de terceira força em psicologia (Hypólito, 1999). Ainda, segundo Hypólito (1999), suas pesquisas, trabalhos e estudos foram geradores de mudanças e, evidentemente, a sua pessoa e a sua obra marcaram de maneira duradoura a psicologia e a psicoterapia não só americanas, mas também a psicologia e a psicoterapia em geral. Carl Rogers não se conformou com os modelos psicológicos e de tratamentos terapêuticos de sua época. Discordando dos sistemas anteriores ele começou a aprofundar as teorias e concepções buscando outras leituras possíveis. Para ele, a psicologia era muito mais do que consertar comportamentos problemáticos ou doenças mentais.

Rogers teve a “inspiração” da ACP (Abordagem Centrada na Pessoa), quando já trabalhava no tratamento de crianças e seu atendimento psicológico, na época, deu-se conta do princípio que nomeou como “potencial positivo de desenvolvimento”, o que abordou posteriormente no seu livro publicado em 1939 (O tratamento clínico da criança problema). Depois, ele reviu o conceito de tendência atualizante, definido como uma tendência inerente, presente em todos os seres humanos, a desenvolver-se em uma direção positiva

Conforme Moreira (2010), nos relata, é observável que o pensamento de Carl Rogers sofreu uma evolução ao longo de sua carreira profissional. Segundo o mesmo, sua teoria foi se



modificando até sua primeira definição em 1940, quando Rogers a nomeia de Psicoterapia Não-Diretiva ou Aconselhamento Não-Diretivo, tal como publicado em 1942. Posteriormente, ainda segundo Moreira, Rogers passa a denominá-la Terapia Centrada na Cliente, e, progressivamente na medida que seus estudos foram ganhando novos vieses, Ensino Centrado no Aluno, Liderança Centrada no Grupo e, por último, Abordagem Centrada na Pessoa, que, segundo ele, é a denominação mais adequada a sua teoria (Rogers, 1983). Moreira (2010) observa que essas mudanças na denominação de sua teoria devem-se aos diferentes interesses que Rogers foi assumindo como foco de seu trabalho ao longo da vida.

Houve um longo processo de maturidade intelectual de Rogers como de sua abordagem. De fato, a denominação Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) configura-se apenas em 1977, com a publicação do seu livro: *“Sobre o poder pessoal”*. Foi a partir da evolução do foco teórico e metodológico ao longo do percurso intelectual de Carl Rogers que se configurou-se a ACP, conforme o foco do terapeuta se modificava ou se expandia à outras temáticas e recebia novas influências do seu tempo.

Para entendermos então como se deu este processo intelectual onde vemos que a ACP é fruto da filosofia do seu tempo, vamos abordar brevemente como foram definidas as fases desta abordagem conforme os estudos do pensamento rogeriano feito por Moreira (2010). Segundo Moreira, (2010, p.2ss) no desenvolvimento da ACP a primeira fase refere-se à Psicoterapia Não- -Diretiva, durante o período em que Rogers estava na Universidade de Ohio, entre 1940 e 1950. Ainda a partir de Moreira (2010), vejamos um pouco mais.

- **A Psicoterapia Não-Diretiva.** Inicialmente parte de conceitos que têm como base o impulso individual para o crescimento e para a saúde.
- **Fase reflexiva (1950-1957)** Nesta fase, entre 1950 e 1957, o reflexo de sentimentos é muito utilizado, daí sua denominação. É a fase da Terapia Centrada no Cliente.
- **Fase experiencial (1957-1970)** É a fase da Terapia Experiencial, ou período de Wisconsin, compreendida entre 1957 e 1970, e iniciada com foco na experiência da pessoa e como ela manifesta.

A partir dessa influência que Rogers priorizou o foco do processo terapêutico na experiência, a intervenção do profissional passa a ter lugar no espaço da relação intersubjetiva terapeuta- cliente. Aqui então, a ênfase do processo terapêutico nesta intersubjetividade, recai na vida inter e intrapessoal do indivíduo, onde se percebe mais consideração em termos de totalidade de existência. Segundo Moreira (2010, p.539), nessa fase, o objetivo da psicoterapia é ajudar o cliente a usar plenamente sua experiência no sentido de promover uma maior congruência do self e do desenvolvimento relacional. Ou seja, a ênfase recai sobre a vida inter

e intrapessoal, e a relação terapêutica passa a adquirir significado enquanto encontro existencial (Gobbi & Missel, 1998; Holanda, 1998). Aqui é enfatizada a autenticidade do terapeuta enquanto atitude facilitadora.

#### **4 - OS ASPECTOS HUMANISTAS E FENOMENOLÓGICOS PRESENTES NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA ACP**

Uma leitura do humanismo filosófico e existencialista por parte de Carl Rogers, o criador da ACP pode, por isso mesmo, oferecer respostas diferentes na época e ainda hoje. Ao buscar encontrar raízes no existencialismo filosófico, a ACP evoca uma pessoa livre e ativa, consciente de suas escolhas. Já a corrente existencialista concebe o ser humano comprometido com o mundo, cuja existência é instável e contraditória. É um conjunto de possibilidades em constante atualização. É capaz de criar condições para adquirir a sua liberdade, o que não lhe garante tranquilidade e bem-estar, ao contrário, obriga-lhe a ser mais cuidadoso consigo, já que passa a ter diversas opções existenciais. O ser humano na ótica fenomenológica e existencialista e, conforme assumido também na teoria da ACP, é concebido enquanto uma totalidade complexa, em processo, em devir, um ser implicado e configurado em seu ambiente, seja este físico, fenomenológico-experiencial, relacional ou sócio-histórico-cultural. Uma maior ênfase à consciência, à subjetividade e à saúde psicológica. A consciência é concebida enquanto vivência ativa, intencional, criadora de sentidos, que gera novos processos de subjetivação no curso de sua expressão pessoal. Uma perspectiva ética positiva quanto às potencialidades e possibilidades. A ética aqui enfatizada refere-se a uma postura em que o ser humano é tratado não de um modo utilitário, mas como possuidor de um valor próprio e inalienável.

Segundo AmatuZZi (2010,p.21), "a abordagem centrada na pessoa é muito mais uma ética do que uma técnica"; no sentido de estar voltado ao humano. Não significa que o ser humano é tratado de um modo utilitário, mas como possuidor de um valor próprio e inalienável. Evidenciam-se, dessa forma, diversos aspectos humanistas presentes na Abordagem Centrada na Pessoa, uma vez que ela busca resgatar o respeito e a ênfase no ser humano. Para Bezerra e Bezerra (2012, p.26), os aspectos filosóficos e existenciais evidenciam o compromisso pela primazia da atitude em detrimento da teorização abstrata da realidade, numa espécie de efetivação da máxima sartriana de que a existência precede a essência. De fato, a ACP considera a vida real do paciente como prioridade sobre as possíveis consequências de um passado distante. Esta filosofia humanista e existencialista convoca-nos a atuarmos como protagonistas de nossa própria vida, assumindo nossas escolhas no mundo e, por conseguinte,

sendo responsáveis por suas consequências. Rogers (1980) expressa a identificação com esse modo de fazer em seu artigo "Duas tendências divergentes".

Nesta ética psicológica onde a pessoa é o centro, a fenomenologia exalta o valor do ser que se manifesta na sua existência concreta e no seu comportamento. E o que é a ética senão um estudo do comportamento humano refletindo suas escolhas diante das normas e valores? Significa uma ética humanista porque deixa que o ser se veja no centro com suas escolhas e as consequências delas. Dessa forma, segundo Bezerra e Bezerra (2012.p.5), evidenciam-se diversos aspectos humanistas presentes na Abordagem Centrada na Pessoa, porque no momento em que ela busca resgatar o respeito e a ênfase no ser humano, destacando o papel dos sentimentos e da experiência como fator de crescimento, também está colocando no centro o ser humano como portador de suas escolhas. E ainda como dizem os autores, enquanto busca centrar-se na relação interpessoal, construindo condições psicológicas adequadas ao desenvolvimento do potencial de mudança daquele que recorre a uma relação de ajuda. Por isso, não temos dúvidas de que são sentimentos como estes, que resgatam a pessoa de uma possível angústia existencial

O respeito e a ênfase no ser humano presentes na ACP, mostrando que a pessoa pode resgatar em si mesmo valores intrínsecos que movam para além de si. Lembra-nos ainda referências às duas atitudes que o ser humano assume em suas diferentes relações interpessoais e com a própria existência. Mas foram as bases conceituais da filosofia e psicologia humanista, de modo especial como já vimos na fenomenologia e existencialismo, que deram credibilidade para a afirmação das novas correntes da psicologia.

A união do humanismo existencialista com a fenomenologia, possibilitou à psicologia humanista, de modo especial na ACP, uma nova postura para inquirir os fenômenos psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e os significados que o sujeito lhes atribui, ou seja, o de não priorizar o objeto e/ou sujeito, mas centrar-se na relação sujeito-objeto- mundo (Bruns, 2001, p.63, como citado em Bezerra e Bezerra, 2012,p.32).

Husserl (1990) afirma que o psíquico é uma região que possui especificidade e peculiaridade; que o psíquico é fenômeno, não é coisa. O fenômeno é consciência, enquanto fluxo temporal de vivências e cuja peculiaridade é a imanência e a capacidade de outorgar significado às coisas exteriores. A consciência é sempre consciência de alguma coisa. O traço essencial da consciência é a intencionalidade." "vivência intencional tem, assim, uma "referência a um objeto"; também se diz que é "consciência de algo".

Ainda segundo a filosofia fenomenológica husserliana, se o objeto é sempre objeto-

para-uma-consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto percebido, ou objeto-pensado, rememorado, imaginado etc. A análise intencional vai nos obrigar assim a conceber a relação entre consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Se a consciência é sempre "consciência de alguma coisa" e se o objeto é sempre "objeto para a consciência. Em Ser e Tempo, Heidegger postula que o "compreender" não é apenas intelecção de um novo sentido; o "compreender" é parte do ser humano como um existencial. Portanto, o modo de ser no mundo é o modo de compreender, e o ser no mundo é um compreender e interpretar. Esta consciência do ser se torna a região fundamental que produz o significado das demais da vida.

## **5 – O FUTURO: A ACP PROMOVE A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA**

Vimos até o momento, através de um olhar histórico, um resumo dos principais pontos de vista que levaram ao surgimento da Abordagem Centrada na Pessoa, a partir das bases da psicologia humanista existencial. Neste processo, destacamos as motivações de Carl Rogers na elaboração de sua teoria e, os aspectos humanistas e existenciais presentes nesta abordagem psicológica. Partimos agora para uma análise final de como a ACP pode contribuir na busca pelo sentido da vida, foco deste nosso artigo.

### **5.1 O ser aí. Aquilo que se mostra e aquilo que se esconde**

A acolhida na ótica humanista fenomenológica, presente na ACP pelo princípio da empatia, possibilita um processo de desvelamento do ser, um processo que faz com que o espaço de acolhida seja transfigurado para além do set terapêutico. O ser aí, com suas dores e suas dúvidas, se vê provocado ao esvaziamento de si mesmo e esta relação de confiança passa a comportar a história da pessoa paciente, suas vicissitudes e suas angústias, num processo humano, se tornam transparentes.

O set terapêutico é o encontro, é a relação entre um tu e um eu, ou entre o eu e o outro e, nesta relação terapêutica o fenômeno, isto é, aquilo que aparece para o terapeuta e para o cliente, vai se transformando na medida em que a relação e o vínculo vai se fortalecendo. Significa que aquilo que aparece no início de um trabalho de acolhimento, não é o mesmo no final. Este é o processo fenomenológico existencial da ACP.

Por isso que, segundo Rogers (1997) o psicoterapeuta precisa ter a consideração positiva incondicional em relação ao cliente/outro, acolhendo os aspectos das experiências trazidas por esta pessoa por meio da compreensão empática colocando-se no lugar dela e, acolher neste

sentido, significa não questionar, não duvidar, nem forçar uma explicação para o hoje da pessoa questionando seu passado. Esta acolhida empática passa pelo processo de auto reconhecimento do ser de si mesmo, de sua existência e, na congruência com o terapeuta se sente acolhido, sente que o seu ser é valorizado como se apresenta, o ser reconhece seu ser nesta relação.

Heidegger, (2005.p.32) legou para a ACP esta compreensão sobre o ser em si, ele buscou romper com a concepção do ser como conceito vazio e universal. Na sua investigação, distinguiu a estrutura do ser da do ente. Para este autor, “[...] Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos [...] ente é também o que e como nós mesmos somos.” Na perspectiva heideggeriana esse ente que cada um de nós somos e que possui em seu ser a possibilidade de questionar, é designado como Dasein, expressão alemã que significa “ser-aí”. A ACP atualiza de certa forma, as noções fenomenológicas da filosofia heideggeriana e no método fenomenológico, as noções de Ser, Estar-no-Mundo e Co- Existir.

O que entendemos de fato, é que “o ser aqui” numa ótica fenomenológica existencial, é o que se mostra, então um ser em construção e que, neste processo ele se perde e se encontra, no entanto, esta construção que faz com que o ser se projete para o além, para o vir a ser, mas este projetar-se não é nem se faz automaticamente, mas exige uma psicoeducação por um olhar livre e espontâneo ao passado e reconhecendo-o em modificação no presente.

Nesta intersecção de concepções entre a ACP e a fenomenologia existencial onde reconhecemos “o ser aí” como o que se mostra, também podemos entender que “aquilo que não se mostra” é aquilo que se procura e que, num primeiro momento não é revelado mas oculto, ou seja, precisamos acolher o fenômeno e deixar que no desvelar de si mesmo, o ser nos revele sua busca, seu desejo de sentido, em outras palavras, aquilo que se esconde.

Ao desvelar a si mesmo a pessoa reconhece sua presença na história. O homem é presença, caracteriza-se, assim, como fuga do para-si rumo às suas próprias possibilidades, rumo ao que lhe falta. Dessa forma, na presença lança-se em direção às suas possibilidades de ser, que nada mais são do que seu futuro. Projetar-se para além de si mesmo é o passo que a pessoa consegue dar depois de volta-se para si mesma e reconhecer-se como portadora de capacidades e desejos.

É aqui que a pessoa começa a nos revelar o que se esconde, a sua busca pessoal e também a angústia inerente a esta busca, justamente o que lhe bloqueia. O bloqueio pode ser existencial, de a pessoa não se reconhecer mais na existência, não encontrar mais seu espaço e, esta é a falta de sentido na sua plenitude. Uma falta de sentido não compreendida porque não traduzida para a pessoa, mas que, segundo Frankl (2005) se torna um vazio existencial.

Angustia existencial? Sim, ela existe, seja na ótica do vazio interior como salientado

pela Logoterapia, seja nas angústias reais da vida. Mas aqui, na ótica da ACP, não no sentido de dor e sofrimento, mas, no sentido de uma busca de significados para o que acontece. Aqui novamente está “o que se esconde”, uma certa angústia existencial que se traduz na falta de sentido na vida, mas tal sentimento não é revelado no ato, nos primeiros encontros terapêuticos mas, é algo que vai se revelando, se desvelando na medida em que o fenômeno vai sendo interpretado na observação do em si. A busca pelo sentido do ser está também neste processo de se reconhecer, pois quem não reconhece o sentido em si não o consegue ver para além de si. Justamente a partir desta constatação, embora a definição tenha se originado em sua história pessoal, Vitor Frankl criou a Logoterapia; o desejo de sentido. Pode-se dizer que a sua teoria se funda na ideia de que o ser humano está numa busca constante pelo sentido da vida, pela significação do seu existir. Segundo Frankl (1992) e, como que parafraseando a ACP, a logoterapia precisa ser entendida como uma terapia centrada no sentido, enquanto desejo e uma busca incessante do “ser humano” ou, na ótica da ACP, de ser pessoa.

Rogers criou sua abordagem centrada na pessoa (ACP) a partir de constatações oriundas de sua observação terapêutica. Podemos dizer, numa interpretação bem pessoal, que a ACP nos legou um modo de ensinarmos as pessoas a serem pessoas, isto com base nos ensinamentos de Carl Rogers. Ele nos legou parecer como este:

“ Ao ver uma pessoa após outra lutar nas suas sessões terapêuticas para encontrar uma forma de vida, parece destacar-se um padrão geral...” E que padrão seria este? Lembrando de Soeren Kierkegaard Rogers nos diz “ ser o que realmente se é”, o que o faz entender que o terapeuta precisa ajudar a pessoa a ser pessoa, a se reconhecerem como tais, porque as pessoas parecem viver “por detrás das fachadas”(ROGERS,1982).

Ao tomar a experiência prática, vivida, como ponto de partida para formular sua teoria e método psicoterapêutico, ao colocar no centro deste processo a pessoa como ela se apresenta, como ela se vê e com suas expectativas ou medos, ele, o terapeuta, coloca também a sua própria subjetividade como profissional e cientista. Rogers (1982), neste método inclusivista nos mostrou que o foco do processo está em se interessar pela compreensão dos significados atribuídos pela própria pessoa às suas vivências e pelos modos de experiência dos mesmos. Rogers assume, em seu modo de trabalho, a prática de uma atitude humanista e fenomenológica de mediação da construção do Eu da pessoa.

Este processo de facilitador ou mediador pode ser descrito a partir da idéia da concretude existencial presente na ACP, onde segundo Bezerra e Bezerra (2012) a pessoa precisa se dar conta que é um ser em processo, em movimento, dinâmico, em construção, nunca passível de ser esquematizado redutivamente; por outro lado, ela (pessoa) é concebida originalmente como

possuidora de recursos próprios para progredir e ir além de si mesma ou de sua realidade.

Como esta temporalidade de viver em processo pode trazer significado para a vida? Novamente aqui, na motivação do “ir além”, a pessoa é levada a buscar o sentido através da sua temporalidade, ou seja, através de suas experiências do ontem, e do hoje, aqui e agora.

Na ótica existencialista a temporalidade do ser é um processo de construção do eu pessoal. Segundo a filosofia de Sartre, o presente é uma passagem entre aquilo que já não é mais (passado) e aquilo que ainda não é (futuro). psicologia existencialista de Sartre, por compreender o presente como uma passagem necessária. O futuro, assim como o passado e o presente, não pertence ao ser em-si, pois como vimos, ele não se temporaliza mas se constrói a todo instante e, é aqui que há a conexão fenomenológica existencial do ser em si que se projeta para um além de si.

Este é então, segundo Rogers (1982 p.148) aquilo que tenho-de-ser na medida em que posso não o ser, ou seja, ao olhar o passado e dar-se conta do seu desejo de futuro, seu desejo de ser revela também o desejo do “afastar-se de um devia ser, de um eu não desejado, (porque passado). Aí nasce o vir a ser, o projeto que nos joga pra frente, para o além na construção do sentido do ser. Ser para além do que os outros esperam ou que exigem (se exigir a si mesmo) Exemplo: Da cultura ou empresa, da família, etc. Ir para além de agradar aos outros, deixar de servir-se ao modelo que os outros esperam. Por isso que ao ter esta “revelação de si” a pessoa se dá conta que seu o seu ser, ele é sempre uma totalização em curso, uma busca incessante de sentido e significado na realização, um vir- a-ser. (ROGERS, 1982, 44s).

Então aquilo que antes se ocultava agora se torna força motriz de impulso, quando se entende no processo do vir a ser. O ser do homem é, assim, um eu-no-horizonte, ou seja, um sujeito inscrito em um campo de possibilidades de ser. Vejamos melhor pra finalizar esta temporalidade fenomenológica: o passado é implicado constantemente pelo futuro, na medida em que quando lá, em outro momento da minha história, eu já desejava ser alguém assim ou de outra forma, já tinha um projeto definido ou em constituição.

Um processo dinâmico. Ou seja, a força do passado advém do futuro. Isto é, significa que o sentido do meu passado é o fato de que em dado momento de minha história ele era o meu futuro. Passado e futuro se encontram no presente a todo instante. É a antecipação que faço da publicação deste meu artigo, por exemplo, que faz com que eu valorize o tempo que passo escrevendo, que me realize por ter escolhido trabalhar com esse tema e esse autor. Na ótica da ACP o indivíduo é desejo de ser e, por isso, produto e produtor dessa dinâmica temporal.

O desejo de ser é constituído pelo homem nas suas práxis cotidianas; realiza-se em cada experiência relacional, emocional, intelectual, etc.; define o homem na justa medida em que o

homem se define. Por isso que, no processo de ajuda com o outro, deve-se valorizar a pessoa e não o problema, numa orientação não diretiva. O que deve ser visto e valorizado, é a potencialidade de crescimento, desenvolvimento, maturidade e o potencial para encarar a vida de frente em busca de sentido de ser. O sentido da vida também é como um fenômeno da consciência, que se apresenta ao ser da pessoa, que o acolhe e o reconhece como uma possibilidade real e, com o devido apoio, se move intencionalmente para este sentido. Para entender esta relação da intencionalidade é preciso recorrer ainda a fenomenologia existencial presente na ACP. O homem como um ser de escolhas, que deve ser respeitado em sua autodeterminação e dignidade, ficam-se menosprezadas as diferenças e destacadas as semelhanças entre os seres humanos.

## **6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos através do resgate histórico das bases fenomenológicas e existencialistas, demonstrar a atualidade da psicologia humanista e, sua importância ainda hoje dentro da ótica da abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers. Tentou-se aqui refletir que a teoria da ACP pode ainda hoje trazer muitas repostas para as angústias atuais. De fato, na ótica da ACP, a auto-realização se dá quando o homem encontra o seu sentido e consegue responder a si mesmo a sua razão de existir. Este sentido ele encontra a partir de si mesmo, de suas escolhas. O homem como um ser de escolhas, que deve ser respeitado em sua autodeterminação e dignidade, ficam-se menosprezadas as diferenças e destacadas as semelhanças entre os seres humanos.

As angústias são as dores nos interpelando sobre nossas escolhas, ou vice e versa. Na logoterapia, Frankl (2022) vai dizer que precisamos aceitar a tragicidade da vida, isso significa saber extrair mesmo dos momentos negativos da vida, sinais positivos de sentido. Podemos dizer que numa ótica humanista este é a escolha de sempre apostar no humano, no valor da vida seja em que situação se encontra. Mesmo que seja um momento de transformação pela dor física ou da perda, o presente nos ajuda a ressignificar o futuro.

Carl Rogers, foi o autor da Abordagem Centrada na Pessoa, o qual traz o princípio de que todos os indivíduos possuem a tendência à atualização e a tendência à autoatualização que representam a potencialidade de mudanças em si mesmo. O indivíduo poderá se ver compreendido pelo outro a partir do seu próprio modo de ser, seus significados e elementos significativos que partem sua própria percepção de ser no mundo, sem a prerrogativa de ser enquadrado em um rótulo teórico prévio. A pessoa parte do seu presente para compreender seu passado e projetar seu futuro.



Aprendemos neste estudo que, com a filosofia humanista a ACP promove o fenômeno da construção permanente de sentido. De fato, aprendemos com Rogers (1982, p.42) que não podemos modificar o conteúdo do passado, posto que ele é o que é, é dado; e por isso neste processo do encontro consigo mesmo é preciso descrever com detalhes as situações passadas, como elas ocorreram em sua dimensão temporal, material, antropológico, sociológica. Neste sentido, se faz necessário um olhar ao passado para que a própria busca de sentido se faça consciente, pois o fenômeno da construção de sentido se dá de forma psicológica, de modo que, ao se constatar efetivamente um ocorrido, possa desconstruir a função noemática (de afetação do sujeito) da parte de certas situações e objetos e, com isso, retomar a relação originária com seu projeto. Mas esta, “volta ao passado”, precisa se dar de forma natural e espontânea dentro dos princípios da ACP comentados anteriormente. Então, pelo que temos visto até agora, a construção de sentido se dá na temporalidade, ou seja, na consciência do ser de sua vivência em processo relacional consigo mesmo e com o outro, ou com o projetar-se para “fora de si” como pessoa. E para que isso aconteça em uma relação terapêutica o profissional da psicologia precisa ser um facilitador.

O pré-requisito básico para um facilitador na ótica terapêutica da ACP, segundo (Sales, 2008), é tornar-se pessoa e, perceber que se está diante de pessoas buscando a autocompreensão, mas que são pessoas em potencial já que estão num processo de tornar-se o que já são. Para entender e captar o sentido da vida, as vezes é preciso se deixar adentrar nas profundezas da experiência; e se deixar experienciar onde não existem pressupostos nem respostas simples, mas na flexibilidade do permitir-se apenas a busca e a experiência.

As bases humanistas da ACP se colocam hoje sempre atuais para que com elas possamos acolher as angústias humanas de hoje e, acolhendo a pessoa que sofre dessa forma, num autenticidade terapêutica, facilitar que a pessoa reencontre significado pro seu existir, sentido para seu viver e para seu agir. Assim, “quando o psicoterapeuta é aquilo que é, quando as suas relações com o cliente são autênticas e sem máscara e sem fachada” (ROGERS,1997), abre-se caminho para que o outro também se reconheça como portador de valor e de sentido. Este é o desejo que permanece ao final deste trabalho. Quiçá possamos através do resgate da filosofia humanista, resgatar nossa humanidade social por meio de relações mais sadias.

## **REFERÊNCIAS**

Amatuzzi, M. M. (1989). O significado da Psicologia Humanista, posicionamentos filosóficos implícitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 41 (4), 88-95.

Amatuzzi, M.M. (2010). Rogers: ética humanista e psicoterapia. Campinas: Alínea.

Belém, D. (2004). Abordagem centrada na pessoa: um olhar contemporâneo. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

Bezerra, Márcia Elena Soares, & Bezerra, Edson do Nascimento. (2012). Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Revista do NUFEN*, 4(2), 21-36. Recuperado em 17 de setembro de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S21752591201200020004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21752591201200020004&lng=pt&tlng=pt).

Bruns, M. A. (2001). A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses na dicotomia subjetividade e a objetividade. Em: Bruns, M. A. Holanda, A.F. (Org.) *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega.

Bruns, M. A & Trindade, E. (2001). Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. Em: Bruns, M. A. Holanda, A. F. (org.) *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega.

Castañon, G. A (2007). Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. *Memorandum*, 12, 105-124. Retirado da World Wide Web. Recuperado de: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.pdf>.

Cavalcante, Francisco Silva J; Souza, André Feitosa de. Org. (2008). Humanismo de funcionamento pleno: Tendência formativa na abordagem centrada na pessoa: ACP. Alínea, SP.

Frankl, V. A presença ignorada de Deus. Petrópolis: Vozes, 1992.

Frankl, Viktor E. 1905-1997,(2005). Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.(tradução: Victor Hugo Silveira Lapenta). Aparecida-SP: Ideias & Letras.

Frankl, Viktor E., 1905-1997,(2022). Sobre o sentido da vida / Viktor E. Frankl; tradução Vilmar Schneider. – Petrópolis, RJ : Vozes.

Frankl, Viktor E. 1905-1997 (2015). O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver / Viktor Frankl; tradução Karleno Bocarro.- 1. ed. - São Paulo : É Realizações.

Heidegger, M. (2005). Ser e tempo. Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco. Heidegger, Martin. Ser e Tempo. Parte I. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Heidegger, Martin. “Carta sobre o Humanismo”, in: Marcas do caminho. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008a.

Hipólito, J. (1999). Biografia de Carl Rogers. *Revista de Estudos Rogerianos. A Pessoa como Centro*, 3, 1-13.

- Holanda, A. F. (1998). *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Husserl, E. A Filosofia como ciência de rigor. Coimbra: Atlântida, 1965. (Original publicado em 1910).
- Husserl, E. A ideia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1990. (Original publicado em 1907).
- Litvoc, Daniela Ceron; burgese, Daniel Fortunato. Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, 2015;4(2):36-57 Contribuições de Viktor Frankl ao sentido da vida e na temporalidade contemporânea. Revista PFC, 2015;4(2):36-57. Disponível em: <https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/1009/1009> Acesso em 27/12/2022.
- Luria, A. R. (1988). «Vygotsky», in: L. S. Vygotsky, A. R. Luria e A. N. Leontiev. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. SP: Ícone.
- Marzano, Michela (2021). Entrevista com filósofa italiana e professora, sobre a necessidade da esperança; em artigo publicado por La Repubblica, 04-04-2021. IHU- Unisinos. Recuperado de: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608062-a-necessidade-de-esperanca>
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. Estudos de Psicologia, 27(4), 537-544. Recuperado de: Epub 28 Abr 2011. ISSN 1982- 0275. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400011>.
- Miranda, Carmen Silvia Nunes de, & Freire, José Célio. (2012). A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(1), 78-94. Recuperado em 16 de maio de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672012000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672012000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Nunes, B. (2002). *Heidegger & ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- OMS- Organização Mundial da Saúde. OPAS (2022). Informe ou relatório mundial da saúde mental. Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>.
- Rogers, Carl; Rosenberg, Rachel. (1977) A pessoa como centro. São Paulo: Edusp.
- Rogers, C. R. (1977). Psicoterapia e consulta psicológica. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. Ransom (1980). Duas tendências divergentes. Em: May, R. (Org.). *Psicologia existencial*. Porto Alegre: Ed. Globo.
- Rogers, C. Ransom (1982). Tornar-se Pessoa. Série Psicologia e Pedagogia. 6º ed. São Paulo, Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1986) Sobre o poder pessoal. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1987). Abordagem Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa. Em

C. Rogers, A. M. Santos, & M. C. Bowen (1987), Quando Fala o Coração – a essência da psicoterapia centrada na pessoa (pp. 67-85). Porto Alegre:Artes Médicas.

Royer, Marlise (2018). O Crescimento da Pessoa na ACP – Um Estudo de Caso. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES. Recuperado de: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12353/1/20410771.pdf>

Rufato, Beatriz G.(2019).Psicologia Humanista. *A psicologia era muito mais do que consertar comportamentos problemáticos ou doenças mentais*. Artigo eletrônico recuperado de: <https://primaveradoleste.cliquef5.com.br/artigos/psicologia-humanista/208385> .

Sales, Yuri de Nóbrega (2008). Uma jornada ao que se é. In: Cavalcante, Francisco Silva J; Souza, André Feitosa de. Org. Humanismo de funcionamento pleno: Tendência formativa na abordagem centrada na pessoa: ACP. São Paulo, SP, Alínea.

Silva, Francisco Carlos Marques da (2019).Psicologia Humanista: História, Princípios Básicos, Críticas e etc.( São João del-Rei-MG) Artigo eletrônico recuperado de: <https://psicoativo.com/2018/02/psicologiahumanistahistoriaprincipiosbasicoscriticasetc.html?unapproved=207958&moderationhash=7abffe2aa1b1e8dbd9f1a8a054bb50ec#comment-207958>

---

Souza, André Feitosa de. (2008) Auto Regulação; tendência atualizante e tendência formativa.In: Cavalcante, Francisco Silva J; Souza, André Feitosa de. Org. Humanismo defuncionamento pleno: Tendência formativa na abordagem centrada na pessoa: ACP. Alínea, SP,2008.

Taylor. Charles (2015). Entrevista. "Às pessoas hoje não têm claro o sentido da vida" Entrevista. IHU-Unisinos.Recuperado de: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/545594-charles-taylor-as-pessoas-hoje-nao-tem-claro-o-sentido-da-vida>.

Tolentino, Joana. Taddei, Paulo Mendes.(sem data) Teoria geral de Carl Rogers. Educação pública. Recuperado de: <https://humana.social/teoria-geral-de-carl-rogers/>

Zilles, Urbano. (2007). Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(2), 216-221. Recuperado em 13 de maio de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180968672007000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672007000200005&lng=pt&tlng=pt).

---

Zilles, U. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. In: Husserl, E. A Crise da humanidade européia e a filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS.

